

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i34.5515>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



PRIMEIRO CADERNO DO ALUNO DE ANTROPOFAGIA (MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UM FILÓSOFO BRASILEIRO)

*Anthropophagy student's first notebook
(posthumous memories of a Brazilian philosopher)*

Alécio Donizete
UFMT

Resumo: Este texto homenageia um dos mais originais e importantes pensadores do Brasil. Por meio de vinte e sete aforismos pretende-se atualizar a memória de Oswald de Andrade. Estes fragmentos buscam contemplar sua visão poética de mundo, ao mesmo tempo, séria e divertida, sua verve cáustica, mas de digestão suave, e, enfim, sua capacidade inventiva de imitar a si mesmo sempre renovando o edifício das nossas ideias filosóficas. Quanto a estas ideias, o presente texto, sem negligenciar os aspectos lúdico e criativo do autor, enfatiza a força de seus argumentos. Oswald conclama nossos pensadores e pensadoras a refletirem a partir de nossos próprios mitos, criando e eventualmente matando nossa própria metafísica. Para ele, a filosofia brasileira não “sobreviverá” da imitação ou da cópia de ideias estrangeiras. Nossa Filosofia “viverá” por seu caráter antropofágico.

Palavras-chave. Oswald de Andrade, filosofia, antropofagia

Abstract: This text pays homage to one of Brazil's most original and important thinkers. Through twenty-seven aphorisms we intend to update the memory of Oswald de Andrade. These fragments seek to contemplate his poetic vision of the world, at the same time, serious and fun, his caustic verve, but with a smooth digestion, and, finally, his inventive capacity of imitating oneself, always renewing the edifice of our philosophical ideas. Regarding these ideas, this text, without neglecting the playful and creative aspects of the author, emphasizes the strength of his arguments. Oswald calls on our thinkers to reflect on our own myths, creating and eventually killing our own metaphysics. For him, Brazilian philosophy will not “survive” from imitation or copying foreign ideas. Our Philosophy will “live” because of its anthropophagic character.

Key words. Oswald de Andrade, philosophy, anthropophagy

*maxilas firmes e bom estômago
é o que desejo
(Nietzsche)*

*um leão é feito
de cabritos digeridos
(Paul Valéry)*

*comeram o bispo Sardinha, talvez com farinha,
sem fazer a oração na hora da refeição
(Adeotônio)*

01

É difícil dizer sobre minha vida algo já não sabido por todos. Acrescentarei detalhes, impressões e experiências sobre minha morte. Minha vida foi sempre, não um, mas vários livros abertos. Aliás, sobre livros, devo adiantar, meu preferido sempre foi o terceiro volume de um romance sonhado, mas nunca concluído, nunca publicado, nunca escrito. Dentre aqueles de outras autorias, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* nunca me saiu da cabeça. Enfim, depois do último e fatal acontecimento, tanto se falou, tanto se escreveu. Boa parte eu ignoro. Se fosse para me dirigir aos meus detratores, eu o teria feito ainda em vida. Da minha fortuna, sei, porque acompanho-a atentamente com meu espírito pícaro e curioso, aquele mesmo de antes. Mas, aqui comigo, para ler, tenho somente uma única carta escrita à mão, pela Deisi, de quando ela recobrava as forças após a gripe espanhola. Quanto aos meus bons amigos e admiradores, fosse eu entabular conversas, passaria a morte inteira agradecendo.

02

Não nasci com essa alcunha de *enfant terrible*, isso se acrescentou muito mais tarde. Cinquenta por cento água, cinquenta por cento vinho, conforme tratados morais ou de biologia, vim ao mundo em 1890. Noventa por cento isento de talento para frios entendimentos das verdades prontas. Não aceitei o argumento de autoridade dos deuses. Causava-me alheamento as vãs e exóticas lógicas forjadas além-mar. José Oswald de Sousa de Andrade, meu todo completo nome. Herdeiro legítimo de Rimbaud e Nietzsche, mais provável meu nome soar irracional na caótica harmonia da cultura mercantil de nossa indústria cultural forjada a ferro, fogo e escravidões. Nascido depois de Marx e de Darwin, cheguei a cogitar-me, na metrópole paulistana, ser um filósofo de profissão. Todavia, ser profissional exigia de mim o sangue frio e isso nunca tive, embora, segundo a teoria, eu tenha tido um peixe entre meus ancestrais. Ante à brutal preguiça de morrer jovem na esplendorosa *Terra Brasilis* e ante à fatal injustiça à vista, eu estava decidido a *fazer poesia com as próprias mãos*. Com um tacape em riste sentia-me uma orquídea, um pássaro, jaguar ou qualquer objeto natural desta *Terra*.

03

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza¹... Uns nativos estes viventes das selvas não litorâneas detestam viver em ilhas. Por questões de incapacidade cerebrinas ou fobias filosóficas, não pescam com anzol nem armadilhas. Acreditam não haver distância entre os olhos e o sol, nem entre céu e Terra, nem entre a guerra e a paz. Um deles, a meu ver, não dado a marinheiros e singraduras, disse ser capaz de unir o finito e o infinito num grito, veja se pode, Vossa Alteza. Porém, não explicava nada, apenas, convicto, gritava, e depois apontava para o eco do grito. Não pescam eles com redes, usam lanças. Acham a lança menos agressiva. Até onde a lança alcança, dizem, pertence a eles. Se a lança não alcança, pertence ao peixe. Confesso não entender uma só palavras destes xucros, bem como, não alcanço suas máximas nem mínimas... Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu².

¹ Trecho da carta de Pero Vaz de Caminha. In CASTRO, Silvio. A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil. Porto Alegre L&M POCKET, 2003. P.42

² Idem

04

Até quantos graus a Leste, até quantos a Oeste, hein! Tordesilhas dividia um rio ao meio, uma moça ao meio, um seio para cada lado; uma montanha de ouro aqui, um vale de lágrimas ali. Até 100º a Leste a peste da varíola, para além disso, o coito *sagrado* com os vigários para contrabalancear as mortes. Menos de um por cento era poesia, noventa e nove, bravatas, baratas teologias... Na minha primeira vez com Deus, quis fazer uma pergunta. Mas deus estava nu, e me chocou. Além disso eu não sabia conversar na língua dele. E deus sequer tinha boca, nem ouvidos. Nós nos desentendemos perfeitamente.

05

Pau-brasil, a poesia, pulou do precipício? Machucou-se? Morreu? Foi suicídio? Nada disso, a poesia saiu ironicamente voando sobre as áreas verdes dos hospícios, sobre o telhado do teatro municipal na Semana de Arte Moderna de 1922, onde tomates seriam convertidos em armas contra ela. Pau-brasil, a poesia sobrevoou ainda as torres de catedrais onde padres solitários e descrentes oficiavam. Enfim passou acima dos novos prédios da cidade de São Paulo. Recém-inaugurados edifícios com moderno trato sanitário, por onde passavam a fezes do progresso.

06

Algumas lógicas prevalecem politicamente, outras, não. Maquiavel estava errado, mas acertou; Adam Smith estava tão certo e errou; Montaigne tinha tudo para acertar e acertou, Heidegger tinha tudo para errar e errou.

07

A primeira missa no Brasil foi celebrada por dom [Henrique de Coimbra](#), bispo, e, como se sabe, ele oficiou-a todo paramentado, a modo de invejar antigos senadores romanos, com batina negra filetada, sobrecapa roxa, dita “capa magna”, nesse caso acompanhada de ferraiolo violáceo, solidéu também violáceo, um cordão de cruzes em verde e dourado, mais os brasões, mais o enorme crucifixo peitoral e o anel incontornável; a tripulação, já devidamente aterrissada, inteira só do sexo masculino congregada na praia às voltas do altar, dividia a atenção entre o deus do evangelho e os corpos daquelas adolescentes moçoilas nativas, divisão esta desigual, é certo, porque ao final de cada frase dita em latim quase-que-cantado, os fiéis de olhos arregalados pronunciavam solenes inconscientes améns, améns... única expressão compreendida de toda aquela parafernália de símbolos sagrados e textos, perigando os ofícios embaraçosos serem mesmo ignorados, dado o espetáculo de moças morenas cheias de promessas e outras coisas não permitidas àquelas imaginações tão católicas; enquanto, revestidos de fé, acreditavam tomar posse, da Ilha Vera Cruz, em nome do papa e do panteão de Santos, inclusive no santo nome da virgem Maria, e maiormente, em nome do rei de Portugal. Claramente se vê por meio daquela carta encaminhada à Vossa Alteza, o Rei. Quando veio a leitura do Evangelho, índios e índias teriam se erguido todos em pé, com os dorsos eretos, acompanhando a turba de fiéis, e a levantar, com estes últimos, as mãos para o céu do bom deus, ficando assim, até o bispo acabar com tudo. Só depois tornariam a se assentar. Apresentavam-se visivelmente em maneiras muito sossegadas, fazendo a todos certificarem-se as razões de suas muitas devoções. Mas a História revelou ser forçoso duvidar de tal docilidade patenteada pelo autor da Prima Carta. Ele imaginava para tal conquista e conversão de todos, no máximo, um ou dois pares de *padres*.

08

Antes de tudo, algumas considerações sobre a morte são oportunas. Ela é diferente nos polos, no equador ou nos trópicos. Distinta também a depender da sua natureza (lenta, brusca, violenta) ou da profissão, da religião e da idade de sua vítima. Sobre isso Heidegger especulava ser o homem um ser para a morte; Sigmund Freud confirmava esta crença defendendo a boa vida como uma aceitação da morte; de certa maneira, seguiam Sócrates para quem filosofar é um modo de aprender a morrer. E foram, por assim dizer, corroborados por Albert Camus. Este franco-argelino pensava o suicídio como a única questão filosófica pertinente”. Enfim, por *Zeus!* A morte, na mão dos filósofos, é um perigo.

09

Eu como Hegel, como Marx, como Sartre, como Simone de Beauvoir; por mim mesmo, dispensaria maiores etiquetas, ritos ou liturgias à mesa. Cozinho reses e papas em fogo baixo, devoro mitos judaicos, como se fosse torresmo. Digiro teológicas-ideologias patriarcais em mais ou menos dois minutos; aprecio tudo sem moderação. De Hegel a Platão, de Simone a Hipátia de Alexandria, tempero tudo com uma boa pimenta baiana e pitadas de poesia. E é preciso admitir, a carne fresca é mais macia.

10

Daqui de onde estou posso ver com um pouco mais de clareza. Nossa mitologia veio com defeito. A medida certa é estar no mundo real e por vezes fantasiar, fabular, sonhar o possível e o impossível, não o contrário. Na melhor medida somos o nosso sonho. Platão sonhou com o mundo perfeito, feito um paraíso, e foi canonizado; Tomaz de Aquino sonhou o casamento da razão com a fé, e as duas selaram compromisso, casaram-se oficialmente no tribunal do Santo Ofício. Descartes sonhou com o gênio maligno, Jacó sonhou com o anjo bom, Robson Crusóé sonhou com um amigo. Um pajé Caiuá acordou do sonho enquanto atravessa a BR 163. Freud racionalizou todos os sonhos de todos os pajés, Kant sonhou com uma Razão enorme e pura, cuja sombra expandia-se universalmente. Nossos acadêmicos ainda têm pesadelos com isso.

11

Fui escritor, poeta, filósofo, e nasci no Brasil. Do ângulo por onde vejo as coisas atualmente, não me sinto nenhum pouco confrangido. Se nasci no Brasil e sou (também) filósofo, sou, portanto, filósofo brasileiro. A discussão sobre a existência, ou não, de uma nossa filosofia ainda é motivo para perda de tempo entre os vivos. Mas devo dizer com certeza e com todas as letras: esta questão, na eternidade, não faz nenhum sentido, e não ocupa, seja a mente, seja a alma de ninguém. Ademais, também aqui, é verdade, um pensador não mergulhado em seu tempo, em sua época e em sua geografia, não merece crédito. O mergulho, todavia, não pode datar nem a ele nem sua obra. Nesse caso, para seus poucos dias de vida, talvez houvesse *glamour*, mas para o prejuízo enorme fica para sempre. Assim minha longa resiliência confere-me o direito a título tão controverso. Minhas invenções conceituais e minhas ideias sobre a história e a cultura do Brasil garantiram-me enquanto era eu atual, e sobreviveram a mim mesmo.

12

Alguns gregos espertos tinham percebido o mecanismo e sua Arché. As coisas fluíam por si mesmas; nasciam e pereciam. Pensaram isso em termos de fenômenos. Elevaram ao máximo grau o todo havido, concluindo pela inexistência do nada. Num fragmento perdido, poderia se ler: *até um cão morto no cais tem logos e do recipiente*

fechado brota movimento vivo... (desde o início) não dispensaram a fertilidade da linguagem... de qualquer lago isolado, brotam peixes – alguns diziam – pois, os pássaros sedentos (no nosso caso, araras ou papagaios) trazem, nos bicos, ovas apanhadas em outras águas, tudo sem algum divino propósito. Traduzindo estes remotos motes para o presente significativo, não se deve atribuir-lhes ‘história’ no sentido restrito nem ‘ciência’ no sentido amplo. Nem todos aqueles primeiros filósofos dialogavam entre si, e um *Tales geral* – não só de Mileto – de Cuzco, de Tenochtitlán ou Pindorama, interpretando seu mundo diria “tudo é peixe, tudo lambari, tudo traíra”. A filopoesia dele definiria a água como “intervalo entre dois peixes”

13

Descobertas redescobertas sobre o sentido da antropofagia ocuparam boa parte de minhas primeiras investidas filosóficas. Depois, quando, a fórceps, aprendi com as mulheres o sentido ofensivo dos mitos patriarcais-ocidentais, tentei descristianizar a história ainda não contada da nossa filosofia. Fugi para um matriarcado utópico, isto é, não impossível, mas hipostasiado entre o sonho e a ação. Trataram isso apenas como mais uma polêmica do *Enfant Terrible*. Só tardiamente fui elevado à altura da crítica. E nesse particular, mereço tanto as críticas quanto as investidas antropófagas contra meus rins e fígado. Não me sinto ofendido, pelo contrário, vibro com todas as releituras, todas as reencenações, todos esses instintos de me devorar.

14

Eu mesmo encolhi cinco mulheres, as cinco, jovens e bonitas, para as levar comigo como se leva chaveiros. E para possuí-las ao modo de ter relógios. Encolhi, e confesso, até houve violências e, também, da parte delas, ligeira cumplicidade. No tempo, não havia decretos contra encolher mulheres. Eu encolhi cinco delas. Tinha renunciado à ideia de ser santo metafísico. Parei de colher os ingênuos feijões e cafés da minha infância, abdiquei de alto posto na *neo-ética kantiana*³. Sem orações da manhã, sem conselhos de mamãe: durante anos concentrei-me em encolher mulheres. Na década de mil e novecentos e trinta, exércitos marcharam para lá e para cá sobre a cidade de São Paulo; à noite entrincheiravam-se nos fóruns, empórios cartórios, e eu, lúbrico, vicioso, fescenino e muito concentrado em minhas diligências. Utilizei técnica antiga, aprimorada no medievo, para aluir da carne delas todo um ácido. E assim eu as encolhia.

15

Tenho Acompanhado com interesse algumas venturosas trajetórias intelectuais. Paulo Arantes, por exemplo. Uma vez, tratando do pouco destaque dado à filosofia brasileira, na academia, ele ironizou. Se bem entendi, haveria pouca filosofia aqui porque nos falta assunto. Mas uma ironia pode ser só engraçada ou revolucionária. Eu, nos anos anteriores a 1952, tive de aceitar um assunto imposto a mim pela realidade: o matriarcado. Foi meio a contragosto, posto minhas antenas desligadas. No Manifesto de 28 apareceu uma única mençãozinha por conta do esforço da Tarsila. “*Matriarcado de Pindorama*” e só. Em 52, ainda tateando no escuro redigi o termo vinte vezes ou mais. Para mim era como se as mulheres – mormente as cinco de maior intimidade comigo – tivessem, em pouquíssimos anos, evoluído tanto intelectualmente. Demorei a perceber os tamanhos de minhas arrogância e ingenuidade. Não elas, mas, eu era o involuído de antes. Daí foi forçoso reconhecer, coisa mesmo de apalpar, o vínculo entre a crise da

³ Optamos por manter alguns neologismos em coerência com a proposta do texto. Aparecerão sempre grafados em itálico (ex. indiguina, idoneíssimos, vística). A presença deles, longe de ser audácia fortuita ou ofensa à nossa língua oficial, justifica-se pela característica do texto e, também, pelo pensador aqui homenageado.

filosofia ocidental com o tratamento teórico e prático dispensado às mulheres. Nossa filosofia, *messiânica* e dualista, por seus compromissos teológicos e míticos com o platonismo cristão e a mitologia judaica, deu direito no patriarcado arcaico de direito sem fatos. Os fatos eras bem outros, e, por isso, precisaram ser filosoficamente contornados ou evitados. É um fato: as mulheres, negras, indígenas, brancas ou mestiças, são esteios da nação em cuja fachada os letrados são escritos e assinados por homens. Ironia maior, *Pátria* é substantivo feminino, falsamente feminino: fachada. Por isso a expressão “pátria amada” causa, às vezes, vergonha, às vezes, certo mal-estar. *Mátria amada*, por utópico, talvez soasse mais suave, filosoficamente mais digno. Ora, tagarelando tanto, e tropeçando em idiomas mal digeridos (imunes à toda antropofagia), ofuscamos e encobrimos assuntos emergentes. Assunto não falta, tampouco tagarelice filosófica. Talvez nos falte mesmo uma espécie de silêncio-armado para meditar, refletir e perguntar *onde estamos*, antes de qualquer abstração sobre *quem somos*.

16

Eu poderia virar mercadoria barata. Recortariam pedaços de mim, para ser repartido entre os vencedores. Eu cederia quase sexualmente. Um de meus rins poderia ir parar numa estante em Macau. Fios de meus cabelos apareceriam como fetiche nos horários nobres. E o coração, dispositivo vivo, disponível a transplantes para repor em caso de urgência o órgão de algum rei cardíaco. A córnea do meu olho esquerdo, eu mesmo veria numa vitrine em Londres. Seria a minha, com certeza; eu saberia por causa daquela cor fosca inconfundível e do meu desamparo diante de todo esse comércio.

17

Contra o preconceito implícito nos conceitos ociosos. Contra velhas doutrinas catequéticas caquéticas. Contra o comércio de almas tapuias na frente das ocas. Contra o mercado de carne negra no porto. Contra as feiras das sextas-santas (tantas festas tristes da paixão). Contra essa ideia besta de ser feliz sem o corpo.

18

Em peça única, arte Tupinambá. Imagem da indiferença indigesta. De tão indigna, espanta-nos ou *indiguina*? Beleza trágica, ou erro de gramática? No século XVII ou ainda antes, na ibérica América, missionários espanhóis, portugueses, mercadores de Pau Brasil e ouro e prata; símbolos *idoneíssimos* do cristianismo mercantil. Cuidando salvar do “pecado original” a alma dos nativos, e eles sem sequer conhecerem o verbo pecar. De corpos nus como o corpo de um rio ou de uma lontra dentro-fora do rio, sem requerer alma, estavam. Houvesse uma alma, também deveria ser nua e gostar de cachoeiras. Mas, salvadores de almas não ligam para as cachoeiras... Ante o ouro e a prata encadeiam assim: salvação catecismo, batismo e morte, nessa ordem. Morte necessária, pois, sem ela não haveria a transição ao paraíso. Então a morte pode reverter para melhor a escravidão? Assim raciocinaram perguntando esses ditos *irracionais da terra* em seu próprio vocabulário, e concluíam: *morrer pode ser bom*. E matavam-se uns aos outros aos montões nas inteiras aldeias qualificadas como escadas para paraísos superiores. Quanto aos senhores – carentes daquela mão de obra e equipados com botas, chapéus, crucifixos e facões – ocorreu urgente a reação: picavam em pedaços os corpos suicidados, aí anunciando requintadas teologias. *De nada adiantava adentrar o paraíso sem os membros vitais e os locomotores. Braços pernas e a cabeça governante, mas, sobretudo, os genitais mais prezados*. Nesta nova pregação anunciaram: no céu se não for de corpo inteiro não se vai. Mas a arte germina onde menos se supõe. Um artista nativo de rupestre método, inseriu-se na vanguarda daqueles séculos. Apanhou os restos mortais despedaçados numa aldeia, braços, mãos, pés, pescoços, pernas e vaginas dispondo-os enfileirados em grafia. Depois escreveu texto talhado para futuras

filosofias. Contra os maldizeres dos fidalgos e ministros de deus: se a morte não é o fim de tudo, se é apenas o começo de um mundo paradisíaco e belo, por que quem assim nos fala prefere ficar vivo?

19

Tentei traduzir o divino direto do original. Sugeri estéticas antropófagas para as escolas primárias e literárias. Nunca inquiria, nem forçava os objetos do poema, eu nomeava. (Nomear é da alçada dos deuses e dos poetas). Livre das sacras amarras, a palavra se liberta e fala por si mesmo. Tagarelar em dialetos seja da vida, seja da morte, será um recital de erros. Poesia-Pau-brasil eterna, eternamente. Engana-se a musa bem-comportada: o beijo conceitual sem os lábios, sem a boca. Pau-brasil, poesia, todas as coisas sem nome são falsas.

20

“Os Sertões”, de Euclides da Cunha, li aos dezenove anos. Um adiantamento em minha biografia. “*Temos aqui a nossa Tróia*”, dizia um professor, e completava - “*nosso Quixote, só que místico*”. Outro mestre lamentava a posição corporal, distinta, dos nossos pensadores: “*estão virados de costas para o Brasil*”. Quanto a mim, vi, não apenas a magia da literatura, mas todo um mundo e um fundo amalgamaram-me à vida definitivamente. Eram lágrimas de fortes e de fracos: a marcha de vencedores com pés dos perdedores e vice-versa. Tangidos os sertões pelo lado de dentro. Não somente a aridez de caatingas, não só facões enferrujados, não apenas o chão rachado, nem finas agulhas de cactos desafiando as leis de gravidades, mas muito mais; quase tudo da literatura de uma só vez. Tangida enfim a profecia, “o sertão virando mar”, mar de sangue onde os peixinhos boiavam em forma de pedregulho. Enfim, a hirta rigidez daquelas almas magras revelava para sempre o Brasil amoitado nas tristezas mais profundas. Só queriam ter direito a alguma esperança.

21

Naquele ano de 52 eu defendia uma tese: no circuito acadêmico não havia teses. Nas melhores hipóteses, precárias próteses... e milhares de vezes, mimesis, mimesis, mimesis. Em síntese, perdi um bom emprego.

22

Não posso negar orgulho por ter sido objeto do interesse de nomes de tanto peso na seara literário-filosófica, de tantos meios artísticos. Estou presente em tantos palcos, em tantas coletâneas; salve Benedito Nunes, salve Roberto Gomes etc. Alfredo Bosi me chamou a atenção severamente porque eu teria dado muita ênfase aos indígenas e me ocupado pouco dos negros ... quem sou eu para contestar o mestre de “Dialética da Colonização”. Já fui polemista o suficiente na vida. Ao contrário, solidarizo-me. Sua imagem de pensador brasileiro também é obnubilada por causa da baixa gravidade – sobretudo nas salas de graduação – por onde orbita, só muito elipticamente, a ideia de uma Filosofia do Brasil.

23

As paredes não tinham sido feitas para a boa acústica nem para a boa *vística*. Falando sério, as gargalhadas estridentes ouvidas ao fundo só podiam ser as minhas. Eu estava muito à vontade, pode-se imaginar. Eu ria alto e forte. Mas os ecos dos gracejos, a princípio, não perturbaram a ordem. Os mortos foram chegando como se devessem marchar. Machado de Assis, Bilac, Alencar etc. Vestidos, revestidos em espírito ainda

com os ternos do enterro. Exceto eu, todos portavam gravatas e sapatos e relógios. Devo confessar: tudo isso me fazia rir, mas o mais risível eram os relógios, pois éramos imortais, estávamos na eternidade. Em ordem, primeiro discursou Machado aos defuntos mais recentes, depois Bilac e Alencar. Eu não conseguia parar de rir e os risos aos poucos se converteram em gargalhadas. Dados o clima e a péssima acústica, quem só escutava e nada via, achava aquilo parecido com um pesadelo, e era.

24

As saúvas tinham invadido a biblioteca central, fizeram trilhas subterrâneas nas palavras. Através de túneis, legalmente construídos, penetraram tudo, e devoraram sem dó. Formigas preferem livros infantis por causa do sabor de tinta colorida das ilustrações. Todavia, de poesia húngara à história etrusca, da bíblia ao Kama Sutra, dos livros de culinária aos tratados de teologia, não rejeitam nada. Instruídas a contornarem os dicionários, elas o fazem, oficialmente por causa das capas muito duras. Na verdade, isso evita muitas confusões. Uma formiguinha inocente descobrindo o significado de certos palavrões como “Iepê, vulva ou reforma agrária” poria a Rainha em polvorosa. Obrigar-se-ia a promoção de violentas reformas no português-brasileiro, a começar pelos livros didáticos. Se as trilhas se aprofundam, claro, mais cedo ou mais tarde, as formigas encontram Hegel e Rimbaud – os dois tinham duelo agendado para o século dezenove. Todavia, quando Rimbaud chegou armado, Hegel já tinha ido embora. Diferença no fuso-horário entre França e Alemanha evitaram a tragédia. Quanto ao duelo com os livros, as formigas vencem soberanas. Assustam-se apenas com a gramática em papel couchê, e com *pulgão, cupim e Platão* sendo todos Oxítonos. *Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil..* Enfim, Fazer a paz com Mário foi o melhor da morte.

25

Sem falsa modéstia, não desprezo minha biografia, nem o interesse póstumo em minha poética, algo infantil e provocativa. Dialoguei e continuo dialogando com perspectivas filosóficas variadas. Devorei tudo, devolvi originais com outras assinaturas. Meu (nosso) Abaporu (“o homem que come”) come o passado e o presente. E não o faz apenas para matar a fome. Mas para ruminar, digerir, e, acima de tudo, gestar algum futuro. Este último – sim, o futuro – para mim é onde se está agora. De onde se projeta novos olhares de espanto sobre as velhas novidades, por exemplo, o Matriarcado. Minha antropofagia e meu matriarcado estão unidos por um caminho ainda errático, tortuoso e difícil como toda a saga da existência feminina, no Ocidente judaico-cristão.

26

Eu salvei a mim mesmo, sustentei-me por meio de próprio ofício. Para início e fim de conversa, confesso: fui afeito ao progresso, mas com muita ressalva. Da feira de cerâmica mesopotâmica, ao vale do silício, eu trocava tanto sacrifício por um saco de sossego ou mesmo de banana. Por um bom preço, eu venderia a alma para os pulhas. Venderia, sim, mas não entregaria.

27

Faltou uma palavra sobre as lágrimas escorridas, por mim, ou contra mim, naquele dia 22 de outubro de 1954, por volta das 17 horas, no cemitério da Consolação. Fingir o choro é uma das primeiras aulas do teatro comum. E isso no palco tem valor até monetário. Contudo, fingir para vivos é fácil e até faz certo sentido. Rousseau - e antes dele outros – já havia notado nossa tendência para o simulacro. Rousseau fez disso um problema: a distância cada vez maior entre “ser e parecer” era a característica predominante na decadente civilização dos homens, isto é, patriarcal. O autor do

Contrato Social estava certo em uma parte: a decadência do patriarcado. Mas nunca dei importância ao problema dele: não acredito em “ser e parecer”, senão como verbos transitivos. Parecer é ser e vice-versa, e não se trata de antecipar a morte de nenhuma metafísica. Ser é parecer quando houver dois viventes minimamente civilizados. Outro, bem diverso, é o problema do verbo ser elevado falaciosamente a substantivo. A propósito, sobre metafísica, e, principalmente sobre a morte dela, eu diria, agora com bom distanciamento e com certo *know-how*: não podemos matar a metafísica enquanto não tivermos uma, e enquanto desprezarmos ou negarmos nossa própria mitologia. Fomos e somos ludibriado por metafísicas alheias. Enquanto o messianismo Platônico-judaico-cristão, estranho, inclusive à cor de nossa pele, pretender guiar-nos para “outro mundo”, sem sequer conhecermos este, estaremos órfãos de metafísica. Se não a temos, como poderemos matá-la? Nunca seremos órfãos da metafísica ocidental, morta no século XIX. Ela não é nossa mãe, é madrasta. Édipo não passa de um irmão bastardo. Não tivemos pai para assassinar nem mãe para com ela em seguida se casar. Como poderíamos atender as exigências daquela família requerida por Freud? Nosso inocente e conceitualmente ingênuo matriarcado não pode se deixar explicar na ótica do patriarca. Nosso tabu vira totem; matriarcado de Pindorama, o Brasil, grande, festivo e guerreiro Quilombola. Antropófagos a cantar e a dançar animados pelo cauim: tudo parecendo ser e sendo o parecer. Nossos mitos negados se empoderam numa metafísica de subversão; não os tratemos como peças de folclore para liturgias de religião salvacionista. Só quem inventa pecados precisa da salvação. Salvar-se do quê? Da beleza do corpo, paixão pela vida, excesso de liberdade. Quem ousa tentar matar nosso senso corporal, é incapaz de dobrar a coluna na roda de capoeira. Não requebra o quadril em ritos para celebrar a chuva, para saudar os vivos, nem para comer os mortos. Deixem a nós mesmos essa tarefa de matar a nossa metafísica...

Estendi-me demasiado, muito além do necessário. Quis compartilhar minha consciência e compreensão do passado e do futuro. E, também, reafirmar a gratidão aos presentes e meu perdão por todo o choro fingido naquele 22 de outubro de 1954, na Consolação.

Referências

- ANDRADE, Oswald de. *A crise da filosofia messiânica*. In: _____. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011
- _____. *Manifesto Antropófago*. In: _____. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011b.
- _____. *Obras completas. Do Pau-brasil à antropofagia e às Utopias*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, v. 06
- BARBOSA, Maria Parecida de. *Leitura do Matriarcado de Bachofen*. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 33, 2018
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. Companhia das letras, São Paulo, 1992,
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha: o descobrimento do Brasil*. Porto Alegre L&M POCKET, 2003
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. In: Montaigne (Volume 1) – Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005
- NUNES, Benedito. *Antropofagia ao alcance de todos*. In: Oswald de Andrade, *Utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011.

RIBEIRO, Darcy. Utopia Brasil. São Paulo: Hedra, 2008.

VIEIRA, Antônio. Sermões – Tomo I. São Paulo: Hedra, 2014

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo “Prefácio”. In: AZEVEDO, Beatriz. Antropofagia – Palimpsesto Selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2016

Doutorado em Difusão do Conhecimento (UFBA, 2019)
Professor de Filosofia e Educação (UFMT)
E-mail: alecionizete.silva@gmail.com